É TEMPO DE CARTEL

Ana Laura Prates

O discurso analítico é aquele capaz de fundar um laço social limpo de qualquer necessidade de grupo - nos diz Lacan em *L'Etourdit* -, pois é o único que revela a não existência da relação sexual. Mas qual é o "laço social de um cartel"? Se os cartéis são a base de funcionamento da Escola e esta, por sua vez, é um refúgio ao mal estar na civilização, poderíamos extrair uma conseqüência: os cartéis têm a responsabilidade de sustentar a transmissão de um saber que não se paute na identificação ao mestre e na psicologia de massas. Poderia, então, o cartel fazer um laço social livre da cola e do efeito de grupo? Um sim puro e simples a essa questão nos faria afirmar que o laço social que sustenta um cartel é o discurso analítico. Afirmação, no mínimo, problemática.

Temos aí uma questão espinhosa, diria até mesmo paradoxal. Se todo um dispositivo complexo, artificial e pouco óbvio foi inventado por Lacan, penso que tenha sido exatamente por julgar que uma Escola de psicanálise não esteja livre do empuxo ao grupo e à proporção sexual. O cartel, a meu ver, é fundado sobre esse paradoxo: há um real em jogo no cartel, eu diria, parafraseando Lacan, e é com isso que temos que lidar.

Pretendo abordar esse paradoxo intrínseco ao cartel pelo prisma do tempo. O tempo de um cartel - o que isso quer dizer? Lacan coloca um limite - dois anos, trazendo a lógica da dissolução e da permutação para o cartel. Pois é isso mesmo que o grupo não suporta, como nos lembra Freud: a ameaça da dissolução. Como poderíamos, então, pensar num tempo universal do cartel se toda a sua constituição e seu funcionamento pautam-se no particular, ou seja, no um a um, ao mesmo tempo que sustenta

o laço social? Senão vejamos: Quais são as condições para a existência de um cartel? Eu proponho 4 + uma:

1) O desejo de estudar a partir de uma questão própria, o que se opõe ao discurso do mestre.

2) A transferência de trabalho, que não elimina por si só o imaginário, mas estabelece condições de possibilidade para manejá-lo.

3) O "pretexto" (texto ou assunto) em torno do qual o trabalho será realizado.

4) A encarnação dos lugares simbólicos na estrutura do dispositivo.

Mais uma: O próprio "mais um" que tem a difícil tarefa de evitar a cola. O "mais", portanto, não soma, ao contrário, descompleta o conjunto.

Se o dispositivo funciona, no final, cada um terá atravessado sua questão e realizado - tornado real - um produto, que possibilite abrir nova questão e ponha em marcha novo projeto de trabalho: um novo cartel. Mas, então, se há um "fim de cartel", não haveria também, por assim dizer, uma "entrada em cartel"?

A lógica do ato inaugural articulado a um fim, exige que pensemos na duração. Essa, a meu ver, só pode ser articulada a partir de um tempo que seja lógico, não cronológico. Os dois anos, longe de uma cronologia burocrática - imperativo do superego institucional - põe em cena o princípio da urgência, mola que precipita a conclusão, funcionando como causa do desejo. Assim sendo, teríamos três tempos num cartel: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir

Se o tempo de compreender, necessário - é bom que se diga -; mas se ele não puder ser atravessado, cristaliza-se justamente no atributo ignorado do sujeito. É a pura reciprocidade, que faz com que - se bem nos lembramos dos "prisioneiros" que Lacan apresenta no texto sobre o tempo lógico - o sujeito fique com a conclusão errada. O cartel permanece, neste caso, aprisionado no imaginário do grupo.

No caso específico que tenho em mente, cartel constituído por quatro amigas em que, hora havia a ilusão da comunicação - via identificação histérica - , hora entrava em cena a disputa fálica, houve, no entanto, durante certo tempo, um verdadeiro trabalho de cartel.

Mas o momento de crise emergiu, a meu ver, porque estacionamos no tempo de compreender. Não queríamos nos desgrudar, mas o momento de concluir era colocado lá, no prazo institucional ao final de dois anos. E ficamos um bom tempo prisioneiras da conclusão equivocada : estamos em crise. Até que dois dos membros, que se sentiam trabalhando pelos outros, concluíram que era chegado o momento de finalizar.

Não estou propondo que tiremos daí um universal : "Não há crise

de cartel, mas sim fim de cartel". Penso que a estrutura do dispositivo deverá ser suficiente para suportar problemas, e manejá-los. Além disso, a função do "mais um" tem aí o seu papel. Mesmo esse cartel, e tantos outros de que participei, seja como um dos quatro, seja como "mais um", sempre tiveram impasses, dificuldades, até mesmo picuinhas. É assim mesmo...

Mas o que estou chamando de crise é algo mais específico : deixa-se de trabalhar para discutir o funcionamento. Aí penso que não se trate mais de cartel, mas de psicologia de grupo. Então, se há um tempo no cartel, e esse tempo é lógico, não se trataria do tempo particular de cada sujeito? Se o cartel pressupõe a lógica de um a um, como excluir o tempo que cada um precisa para atravessar sua questão? É claro que, por tratar-se de um laço social, é preciso tolerar, eu diria, até suportar o tempo do outro. Mas aí também há um limite entre o cinismo - não contar com o outro - e a alienação - perder-se no outro. Então, no final, retomo a questão: contando com as misteriosas relações entre o que faz laço social, ou seja, o universal, a coisa pública (*res-publica)* e o particular, a "coisa" privada, que tempo/lugar daremos para o cartel na Escola que precisamos e queremos?